

“Viver de redação”: alternativas ao trabalho docente no contexto de precarização do trabalho

Daniel dos Santos

Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Resumo: O objetivo deste trabalho é identificar e analisar, mediante uma abordagem exploratória de base quantitativa, dados da inserção dos serviços de correção de redação no mercado de trabalho. Para tanto, produzi hipóteses para o contexto profissional contemporâneo dos(as) corretores(as) de redação, me pautando por indicativos teórico-analíticos da precarização do trabalho docente no Brasil. A análise dos dados indica que (a) o espaço profissional da correção de redação não possui, necessariamente, o curso de Letras como único ponto de partida; (b) destaca a diversidade de vínculos de trabalho para além do celetista (que, no caso de professores(as), ainda é uma tendência); (c) a multiplicação de plataformas de trabalho, além de significativa diversidade de serviços oferecidos; (d) o crescente interesse pelos saberes da “redação de vestibular”, visível na busca por materiais *online*, ou, ainda, pelo expressivo número de profissionais autônomos presentes em sites de redes sociais. Neste percurso investigativo foram identificados diversos vínculos e condições laborais, os quais estão, em sua maioria, associados à flexibilização das relações de trabalho e a ausência de reconhecimento mútuo entre corretores(as), de modo que estes profissionais sejam vistos como trabalhadores de “vida secreta”.

Palavras-chave: trabalho docente; precarização do trabalho; correção de redação; flexibilização; plataformas de trabalho.

Introdução

A atuação profissional de corretores(as) de redação tem como foco o trabalho especializado(a) na/para a avaliação de textos associados a processos seletivos de grande escala (por exemplo, vestibulares e concursos públicos), assim como em contextos locais: escolas e cursos preparatórios para concursos e pré-vestibulares (Santos, 2023). Esta atividade laboral, portanto, está presente nos bastidores de certames como o Enem (Exame Nacional de Ensino Médio), ou, ainda, em situações educacionais em que ocorra deliberada preparação de futuros(as) candidatos(as) a determinado rito; no caso do vestibular, o ingresso na universidade; no caso de concursos, a aprovação na quota de vagas (Santos, 2023).

Para a apresentação realizada no âmbito do *XIII Seminario Internacional de la Red Estrado*, tive por objetivo identificar e analisar, mediante uma abordagem exploratória de base quantitativa, dados da inserção dos serviços de correção de redação no mercado de trabalho,

utilizando de diversas fontes de busca/pesquisa. Cabe mencionar, no entanto, que este texto é um conjunto parcial de divulgação de um projeto de pesquisa de doutorado em andamento, em que estão prefiguradas as seguintes perguntas: (i) Nos contextos em que há trabalho com correção de redação, quais características são agregadas à figura do professor de português?; (ii) Como se constrói o mercado dos serviços de correção de redação?

De modo geral, minha motivação para a construção desta pesquisa vem da experiência profissional com a correção de redação em colégios privados e exames vestibulares oficiais. Além disso, sugiro como prognósticos iniciais para este recorte investigativo. Primeiramente, sugiro que (1) a categoria profissional corretor(a) de redação tende a ser um efeito visível de mudanças mais abrangentes no setor educacional, em que professores e outros profissionais permanecem desvinculados da forma tradicional de ensino-aprendizagem - e, neste contexto, dos vínculos de trabalho formais. Como segundo encaminhamento, pressuponho que (ii) o mercado de trabalho influencia/constitui as características do trabalho docente na correção de redação quando busca por estratégias de personalização e precificação dos serviços oferecidos.

Apontamentos teóricos

Para qualificar a discussão da categoria profissional corretor(a) de redação, entendo ser necessário considerar tanto as peculiaridades do trabalho docente como os determinantes do mercado de trabalho no Brasil, em perspectiva. Este argumento se justifica pois as tendências observadas em escalas macro ecoam nas considerações que construímos acerca do trabalho de professores(as).

De acordo com os estudos de Mattos (2019), 49,4% das pessoas empregadas estão no setor de serviços [mundial]. E, para o autor, a precariedade tonaliza as relações de emprego no contexto contemporâneo, considerando que o modelo padrão é cada vez menos representativo (Mattos, 2019). No Brasil, por sua vez, as atividades tipicamente terceirizáveis se duplicaram no período entre 1990 e 2005, e, em 2015, um percentual de 27% dos ocupados estavam alojados nesta categoria (Galvão & Krein, 2019). Embora o setor educacional em sua referência da escola tradicional não seja um contexto de atividade tipicamente terceirizável, penso não ser possível dissociar serviços como o de correção de redação deste modelo alternativo de relações de emprego.

De uma perspectiva histórica, podemos dizer que o período de governo do Partido dos

Trabalhadores constituiu movimentos contraditórios (Krein & Biavaschi, 2015). Por um lado, há significativa “melhora de diversos indicadores do mercado de trabalho, em especial quanto à formalização, queda do desemprego e elevação da renda média dos trabalhadores”; por outro lado, “o processo de flexibilização das relações de trabalho persiste nas formas flexíveis de contratação [...], como é o caso da terceirização, na remuneração variável e na modulação da jornada” (Krein & Biavaschi, 2015, p. 47). Trata-se, portanto, de um conjunto de tendências de flexibilização aventadas pela Reforma Trabalhista de 2017. De acordo com autores como Colombi, Lemos e Krein (2018), a reforma materializa práticas de flexibilização já recorrentes no mercado de trabalho, conferindo a este marco um sentido mais próximo da continuidade, e menos inaugural.

Também é relevante destacar o debate em torno das relações entre tecnologia e uberização (Abílio, 2019; 2020) (Abílio *et al.*, 2021). Desse modo, é possível afirmar que sintomas como “a informalidade, a alta rotatividade e os trabalhos temporários são na realidade elementos estruturantes das relações de trabalho” (Abílio, 2019, p. 10). É dessa maneira que a consolidação das plataformas digitais emerge como promoção do trabalho informal, precário, temporário e mal remunerado (Fairwork, 2022). Para o contexto dos(as) corretores(as) de redação, tratar de plataformas de trabalho é uma dimensão crucial, considerando que estas têm representado uma categoria numericamente relevante de contratação destes profissionais. Assim, discussões como as propostas por Abílio, 2019, 2020 e Abílio *et al.*, 2021 são indispensáveis pois conferem uma visão não determinista da tecnologia ao reconhecerem que estas não produzem, por elas mesmas, as características atuais do mercado de trabalho — tais tendências, portanto, preexistem e são reiteradas por tais plataformas.

Para tratar de “trabalho docente”, me pauto por uma interpretação abrangente da categoria profissional. Entendo, como em Oliveira (2010), que há uma significativa gama de sujeitos para além da(o) professor(a)-regente no espaço escolar e que, nesse sentido, as práticas coletivas co-constroem possibilidades ao planejamento do ensino-aprendizagem. Dessa maneira, compreendo que “trabalho docente é todo ato de realização no processo educativo” [...] “é o que se realiza com a intenção de educar” (Oliveira, 2010). Portanto, se parto da ideia de que a ação de ensinar é uma tarefa compartilhada por múltiplos sujeitos, posso afirmar que corretores(as) de redação praticam trabalho docente, mesmo que não sejam professores(as)-regentes.

Tal afirmação, neste texto, é crucial, pois me permite sinalizar a necessidade de rever e reivindicar melhores condições de trabalho e convidar a área de ensino-aprendizagem de

Linguagens a tratar da correção de redação como uma prática docente partícipe do cotidiano escolar e/ou da gama de possibilidades de atuação profissional na área de Letras. Assim, creio ser possível questionar a invisibilidade pedagógica em relação a docentes titulares, seja para engajar politicamente a discussão a respeito do modelo de emprego, seja para incluí-las(os) nas disposições legais do trabalho docente.

Para além disso, reconheço que o trabalho docente, no cenário contemporâneo, está organizado a partir de algumas tendências, sendo estas diretamente relacionadas com as inovações tecnológicas: “trabalhadores industriais submetidos a uma disciplina”; “mercantilização do *e-learning*”; “venda de produtos pedagógicos feitos sob medida” (Laval, 2019). É nesse sentido que a atuação profissional de corretores(as) de redação se caracteriza por valores defasados (pagos por texto corrigido, pela individualização de atendimentos a estudantes, bem como mudanças lexicais produzidas para justificar essa defasagem: “professores viram *corretores* e plantões viram *monitorias*” (Oliveira, 2022).

É necessário salientar que a presença de corretores(as) no cotidiano escolar ainda é um cenário restrito a colégios privados. Por outro lado, isso não significa inferir que a tarefa de corrigir e avaliar produções textuais está ausente dos contextos de educação pública. A diferença, assim, é que “na rede pública brasileira [...] em geral, as condições de trabalho do professor [...] parecem inimigas da prática de correção de textos” (Ruiz, 2021, p. 157). Na avaliação de Ruiz (2021), lidar com a produção de textos na escola requer disposição para atuar de forma interventiva na correção/avaliação da escrita, “sobretudo quando multiplicada pelo número de versões de texto produzidas” (Ruiz, 2021, p. 157). Portanto,

a produção de textos, quando tratada de modo processual nas aulas [produz] sobrecarga de trabalho justamente com a tarefa de correção [...] essa deveria ser institucionalmente reconhecida como trabalho extra e o professor ser pago por isso, como já acontece em algumas escolas privadas (Ruiz, 2021, p. 165)

É evidente que em escolas privadas o(a) professor(a)-regente também é responsável por uma quantidade significativa de turmas. A solução encontrada, para este cenário, passa a ser a contratação de profissionais que corrigem as avaliações/produções textuais (Paiva, 2010, p. 68). É o momento da invenção deste profissional que interessa a esta pesquisa (baseado na metáfora da “invenção do vestibular”, de Whitaker, 2010).

Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos originários desta apresentação dizem respeito a um trabalho de conclusão de curso (Santos, 2023), quando me baseei em táticas exploratórias a fim de constituir um estudo de caso (Almeida, 2016). Naquele momento, minha intenção foi a de identificar, descrever e analisar dados da inserção dos serviços de correção de redação no mercado de trabalho e produzir hipóteses para esta compilação parcial de dados. Para construir um aparato analítico, propus, naquele momento, três perguntas: (1) Quais inferências/tendências podem ser identificadas quanto aos valores dos serviços de correção de redação?; (2) Quais inferências/tendências podem ser identificadas quanto às formas de contrato e de vínculos trabalhistas de corretores(as) de redação?; (3) Quais inferências/tendências podem ser identificadas quanto aos tipos de serviço demandados por escolas e outros interessados na correção de redação?

A organização analítica destes dados considerou seis conjuntos (abaixo) e se propôs a identificar *tendências*, *inferências* e *dúvidas* as quais permitissem a continuação de pesquisas neste recorte investigativo. Trata-se de uma adaptação do método CSD (certezas; suposições e dúvidas), atribuído aos estudos do *Design* (Alt, 2012; Souza *et al.*, 2018; Almeida, 2020; Babilonia, 2021). Os conjuntos de dados mencionados organizaram-se a partir dos tipos de índices identificados em cada contexto, a saber:

- *Conjunto 1*: dados de cargos e salários para (i) revisor de texto e (ii) assistente de regência de classe (Classificação Brasileira de Ocupações); dados do quinquênio 2018-2023 de proporcionalidade de inscritos no MEI, a partir da Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE);
- *Conjunto 2*: apontamentos sobre vestibulares e fundações universitárias, acrescido de um compilado de denúncias do site *Reclame Aqui* (período 2019-2022);
- *Conjunto 3*: dados de salários de sites de vagas de emprego: remunerações médias para os cargos de corretores(as); dados de aulas particulares de redação gerados a partir de autoindicação das plataformas *Superprof* e *Profes*;
- *Conjunto 4*: dados compilados de sites de redes sociais; no *Instagram*: perfis profissionais de corretores(as) de redação; no *Youtube*: listagem de vídeos mais visualizados na temática “redação de vestibular”; *Facebook* e *LinkedIn* (dentre outros), anúncios de vagas de trabalho tabulados por “nome da vaga”, “local do trabalho”, “tipo de vínculo”, “jornada mensal”, “valor de salário” e “características de contrato”;
- *Conjunto 5*: mapeamento de plataformas de correção de redação, considerando as características e os valores dos serviços oferecidos por cada uma delas;

- *Conjunto 6*: indicativos sobre a presença de corretores(as) de redação em cursinhos populares;

De modo geral e sintético, destaco as principais *tendências*, *inferências* e *dúvidas* (Quadro 1) identificadas a partir destes seis conjuntos, em Santos (2023). Para uma leitura mais aprofundada, inclusive sobre os percursos teórico-metodológicos, consultar a referência original.

Quadro 1. Tendências, inferências e dúvidas: contexto profissional da correção de redação no Brasil

Tendências, inferências e dúvidas: conjuntos de dados de pesquisa (Santos, 2023)
<i>Conjunto 1: Conjunto de dados oficiais de ocupações e dos registros de microempreendedores individuais</i>
<p>Dúvida/Inferência: É possível ter como parâmetro as categorias “revisor(a) de texto” e “professor(a) assistente de regência de classe” para tratar de corretores(as) de redação;</p> <p>Inferência: Com o quinto maior crescimento dentre as vinte principais categorias CNAE, o segmento “8599-6/99: Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente” indica uma <i>tendência de pejetização</i> de corretores(as) de redação.</p>
<i>Conjunto 2: Vestibulares e fundações universitárias</i>
<p>Dúvida: É possível que muitos(as) dos(as) corretores(as) que atuam de forma temporária em exames de larga-escala dependam diretamente da renda ali gerada, uma vez que vivem em situações de vulnerabilidade.</p> <p>Inferências:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Em avaliações de larga-escala, a contratação de corretores(as) é realizada via processo seletivo simplificado, por empresas especializadas, as quais oferecem contratos temporários e pagamento por trabalho realizado; <input type="checkbox"/> O tipo de contratação impede a continuidade do trabalho e a formação em serviço - modalidades que poderiam oferecer diferentes possibilidades de emprego e renda [...] os(a) contratados(as) temporários(as) assumem a prestação de serviço combinadas a outros vínculos que já possuem; <input type="checkbox"/> A contratação de empresas-terceiras para a aplicação de exames de larga-escala tende a não corrigir o valor pago a corretores(as) ao longo do tempo.
<i>Conjunto 3: Pesquisa em sites de vagas de emprego e plataformas de aulas particulares</i>
<p>Tendências:</p> <ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> A média salarial para corretora de redação no Brasil é de R\$1.319,00/mês (Fonte: <i>Vagas.com</i>); corretores(as) de redação, R\$1.841,00/mês (Fonte: <i>Glassdoor</i>); cidade de São Paulo, R\$1.201,00/mês. (Fonte: <i>Glassdoor</i>). <input type="checkbox"/> É possível ter como parâmetro as categorias “assistente de ensino”, “monitor(a) de ensino”, “auxiliar de ensino” e “instrutor(a) de ensino” para tratar de corretores(as) de redação [...] o valor médio varia entre R\$1300,00 e R\$1900,00/40h (<i>Vagas.com</i>); <input type="checkbox"/> gênero [...] nas plataformas <i>Superprof</i> e <i>Profes</i> a porcentagem atinge cerca de 70% quem se

<p>identifica como mulher e 30% para homens;</p> <p><input type="checkbox"/> formação profissional [...] <i>Profes</i> e <i>Superprof</i> [...] corretores/professores de redação [...] cursos de Letras, cursos da área da Saúde, Ciências Sociais e Comunicação Social; vestibulandos [...] <i>saber da experiência</i>.</p> <p>Dúvidas: A partir das ocupações correlatas do site <i>Vagas.com</i>, identifica-se que a formação comum são os cursos de Pedagogia e Letras, e as funções são ocupadas majoritariamente por mulheres.</p>
<p>Conjunto 4: Pesquisa em sites de redes sociais</p>
<p>Tendências:</p> <p><input type="checkbox"/> É possível que muitos perfis em redes sociais utilizem a presença <i>online</i> para conectar-se a futuros consumidores de seus serviços - uma das características do trabalho autônomo [...] empatia e/ou voz de autoridade, além do saber da experiência vivida em vestibulares.</p> <p>Inferências:</p> <p><input type="checkbox"/> Os serviços de correção de redação não estão centralizados no eixo Rio-São Paulo;</p> <p><input type="checkbox"/> O valor pago por texto varia entre R\$3,00 e R\$20,00, o que demonstra a falta de consenso quanto à natureza do trabalho a ser realizado.</p> <p>Dúvidas:</p> <p><input type="checkbox"/> É possível que os perfis em redes sociais registrados como MEI's não possuam mais de cinco funcionários associados ao seu cadastro de pessoa jurídica;</p> <p><input type="checkbox"/> Não é possível dizer, a partir das publicações de vagas de emprego, se o valor pago por texto está, de fato, no intervalo entre R\$3,00 e R\$20,00.</p>
<p>Conjunto 5: Plataformas de correção de redação</p>
<p>Inferências:</p> <p><input type="checkbox"/> Falta de correspondência entre os valores cobrados por correção de redação: personalização da atividade;</p> <p><input type="checkbox"/> Não há determinismo quanto às minúcias das atividades atribuídas a corretores(as), em escolas ou plataformas;</p> <p><input type="checkbox"/> A garantia do resultado positivo em vestibulares/concursos: modelização das propostas e grades de redação.</p> <p>Dúvidas:</p> <p><input type="checkbox"/> Para discernir os valores cobrados por correção de redação nas plataformas: precificar cada item/serviço incluído no pacote;</p> <p><input type="checkbox"/> O salário pago a professores(as) que desempenham serviços de correção em plataformas não tem relação direta com o valor de venda dos serviços/produtos;</p> <p><input type="checkbox"/> plataformas/microempresas: é pouco provável que o contrato estabelecido com corretores(as) seja o celetista.</p>
<p>Conjunto 6: Cursos populares [e projetos] populares</p>
<p><input type="checkbox"/> Cursos populares constituem-se, historicamente, como contextos políticos [...] por consequência, a vulnerabilidade dos(as) alunos(as) de cursos populares [...] suscetíveis a tendências do cenário macro, dado que é evidenciado pelo G1 (queda de matriculados ao</p>

longo do ano atinge **88,9%**) e pela Folha de São Paulo (*a significativa queda de participantes do Enem esvaziou cursinhos ao longo de 2022*);



Cursinhos pré-vestibular privados sedimentaram a presença de corretores(as) de redação e, por sua vez [não exatamente de forma linear], os cursinhos populares reproduziram a presença deste profissional [...] a figura passou a ser recorrente nos contextos de voluntariado.

Adaptado de Santos (2023).

Como adendo para a organização deste texto, destaco um sétimo agrupamento de dados, constituído a partir da realização de três grupos focais (e respectivos formulários de perfil), em uma etapa pré-pesquisa (2021-2022) (Morgan 1996, 1998; Johnson, 1996; Barbour, 2005; Trad, 2009). Dado o momento de sua realização, constitui uma amostra por conveniência. A idade média dos(as) participantes foi de 27,6 anos; 60% da amostra se identifica com o gênero feminino; e grande parte dos(as) participantes atuou como corretor(a) de redação na Região Metropolitana de Campinas, com exceção das cidades de Macapá (AP), Rio de Janeiro (RJ), Florianópolis (SC) e São José (SC). Por fim, sobre as experiências de trabalho, há destaque para escolas (11 dos 13 participantes), autônomo (5 de 13) e bancas oficiais (6 de 13).

Análise de dados e discussão

Para este texto, procuro destacar três inferências de análise identificadas a partir dos agrupamentos de dados produzidos em etapa anterior de pesquisa (Santos, 2023). São estes:

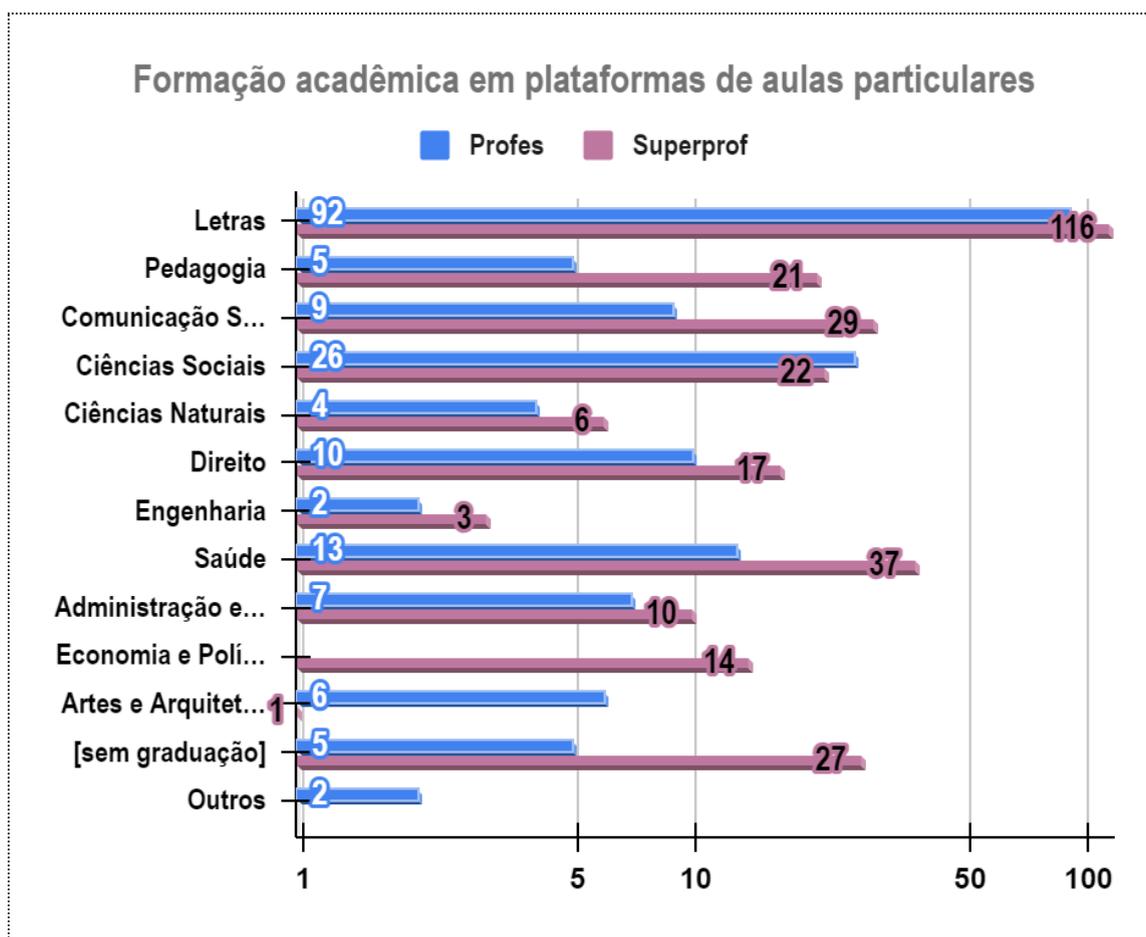
- A formação prévia para a atuação como professor(a) de redação/corretor(a) de redação nem sempre é o curso de Letras: plataformas de aulas particulares indicam outras possibilidades;
- Segundo dados de salário/cobrança de serviços de correção de participantes de grupos focais, há incompatibilidade entre o trabalho realizado [quantidade de correções] e os valores remunerados, uma vez que a maior quantidade de tarefas – ou maior complexidade destas – nem sempre implica variação salarial;
- Em plataforma de assinaturas de serviços de correção (e outros, em contexto de vestibular) o valor pago por 1 correção de redação não determina a quantidade de correções permitidas. Para além disso, as *características do trabalho* e os *valores de salário* atribuídos não parecem estar relacionados com a aquisição dos serviços de

correção por clientes, o que torna os contratantes responsáveis por caracterizar e precificar os valores de salário.

A primeira tendência foi identificada a partir de uma compilação de dados produzida no ano de 2022, quando considerei, para os números de busca prévia realizada na Plataforma Profes: 1539 cadastros em “correção de redação” em *Brasil* e 181 no estado de São Paulo; e, na Plataforma *Superprof*: 3878 professores(as) em *Brasil* para o termo “redação”, e 604 no estado de São Paulo; para “redação dissertativa”, 1949 cadastros em *Brasil*, e 293 em São Paulo. A partir dessa seleção prévia, organizei individualmente as referências profissionais que os(as) cadastrados(as) indicavam em seus perfis (Gráfico 1), a fim de traçar uma relação possível entre formação prévia e atuação como corretor(a) de redação (ou professor(a), pois é uma característica destas plataformas).

Como indicado pelo primeiro ponto desta seção, o *corpus* analisado sugere que estes(as) profissionais constroem variados caminhos formativos até a prática profissional, ainda que o curso de Letras (percurso aparentemente mais óbvio) ainda esteja em destaque. Cabe evidenciar a categoria *sem graduação*, situação em que é validada a experiência como *candidato(a) de vestibular* e respectivo bom desempenho em Redação como características valorizadas para este trabalho docente.

Gráfico 1. Formação acadêmica prévia para profissionais das áreas de correção/ensino de redação

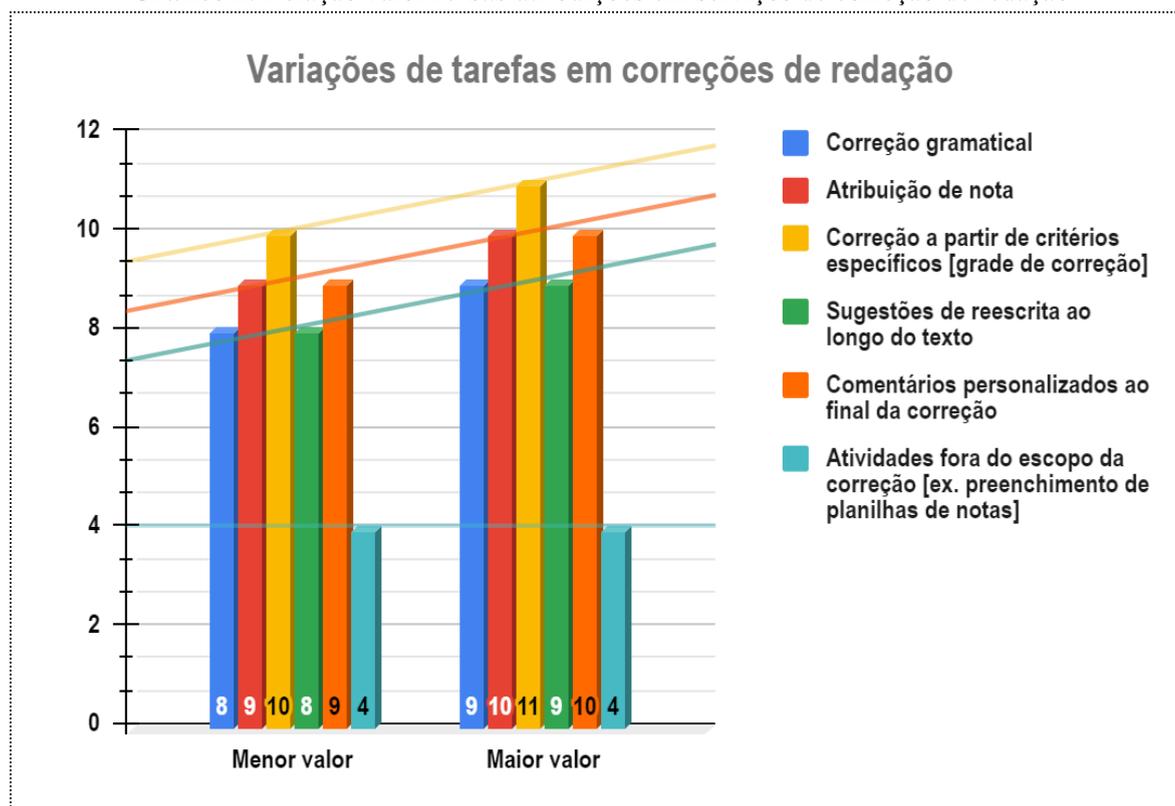


Adaptado de Santos (2023)

A segunda tendência, por sua vez, foi constituída a partir dos formulários de perfil de onze participantes de três grupos focais realizados entre o fim de 2021 e o início de 2022. No formulário em questão, uma das perguntas solicitava o menor e o maior valor pago por texto corrigido na experiência profissional dos(as) participantes. Em seguida, o formulário solicitava que os(as) respondentes indicassem quais tarefas eram atribuídas a eles(as) no primeiro e no segundo cenário: maior e menor valor por texto corrigido.

A expectativa para a relação valor pago por 1 redação versus as atribuições estipuladas pelo contratante seria a de que quanto mais complexas as atribuições, maior o valor dispensado para o pagamento da correção de um texto. Por outro lado, as respostas dos(as) participantes dos grupos focais indicam um cenário bastante diferente: a variação da complexidade das atribuições é pouco determinante para a variação do valor do serviço (Gráfico 2). Ou seja, os contratantes parecem ter maior poder decisório para estabelecer o valor do serviço e as características do trabalho, independentemente de um consenso prévio sobre *o que é e como devem ser remunerados* os serviços de correção.

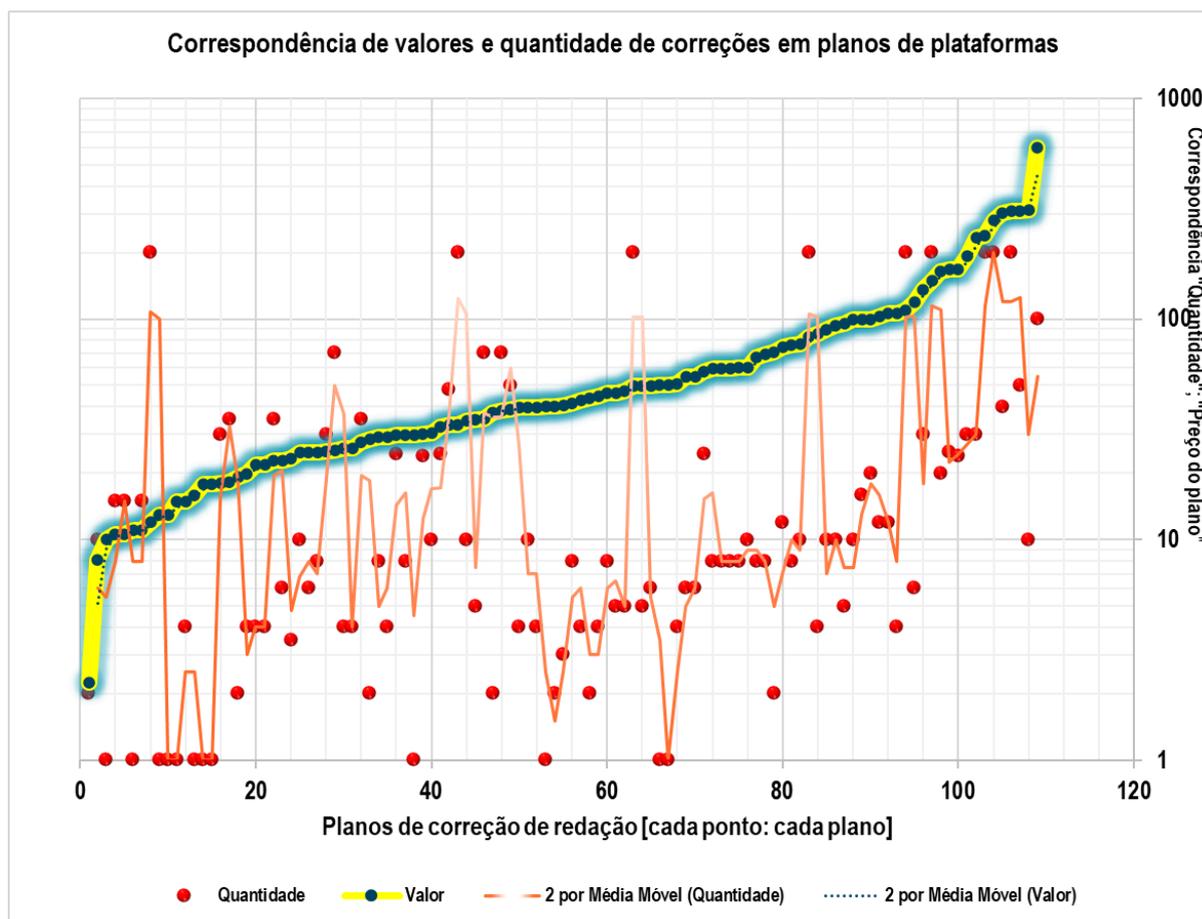
Gráfico 2. Relação valor *versus* atribuições em serviços de correção de redação



Adaptado de Santos (2023)

A terceira tendência destacada no texto diz respeito às plataformas de correção de redação. O conjunto de dados, organizado no ano de 2022, considerou 109 tipos de pacotes de serviços identificados em 36 plataformas (totalidade das plataformas identificadas). Como ponto de partida, a pesquisa de Santos (2023) indica que não há correspondência direta entre quantidade de redações e os valores cobrados por redação em pacotes de serviços oferecidos por plataformas – ou seja, para a venda dos serviços em plataforma a quantidade de correções disponíveis não representa alteração no valor de assinatura. No Gráfico 3, os pontos em vermelho indicam a quantidade de correções que o(a) contratante de um plano de plataforma pode usufruir. A linha amarela, por sua vez, corresponde aos valores estipulados para cada pacote. Enquanto esta última cresce em escala linear, a quantidade de correções a solicitar não apresenta regularidade (linha laranja). Ou seja, o valor pago por 1 correção de redação, em uma análise dos planos de plataforma, não determina a quantidade de correções permitidas.

Gráfico 3. Correspondência de valores e quantidade de correções em planos de plataformas



Adaptado de Santos (2023)

Assim, ao que parece, os valores de salário atribuídos a profissionais contratados(as) para serviços de correção de redação em plataformas não advêm de uma relação direta com os gastos/lucros destas empresas, considerando que quem assina os serviços não pagará, necessariamente, mais – ou menos –, numa relação proporcional, se solicitar mais correções em determinado período. O valor (salário) de 1 correção de redação, nesse argumento, corresponde a um “teto” supostamente justo e adequado, resultado de um consenso prévio sobre o que são serviços de correção de redação. Assim sendo, uma das possibilidades de compreender e caracterizar o mercado de serviços é a identificação dos valores mínimos e máximos de compra e de venda dos serviços de correção de redação.

Portanto, o mercado dos serviços de correção de redação tende a estabelecer os valores de compra/venda, assim como as características do trabalho docente neste contexto. Ainda que os fundamentos da pedagogia do ensino de produção textual ofereçam elementos importantes para a prática, as respostas para a pergunta “o que faz um(a) corretor(a)?” se baseiam na recorrente personalização dos serviços e na busca por resultados positivos/satisfação do cliente. Há, assim, uma pedagogia à parte capaz de influenciar como

se ensina produção textual, baseando-se na aprovação no vestibular/concursos e na materialização de fórmulas que cumpram este requisito contratual. Define-se o(a) corretor(a) pela natureza do serviço e de sua relação com um resultado material e observável, e, quando o mercado de trabalho não puder absorver profissionais em vagas tradicionais (professor.a em sala de aula), também poderá, o espaço profissional solicitar formações/experiências para o trabalho com correção nos termos da aquisição do serviço, as quais nem sempre estiveram presentes no currículo do ensino superior.

Por fim, é possível dizer que a ausência da projeção *valor do serviço* → *correção de 1 texto* se deve à constante personalização dos serviços de correção de redação, o que impede, inclusive, generalizar o que é/como corrigir um texto do ponto de vista do mercado. Na construção da voz de autoridade, plataformas e profissionais autônomos desenvolvem métodos específicos que consideram mais efetivos para a conquista de um bom resultado em determinado processo seletivo, e tais métodos podem incluir consultorias e atendimentos individuais, reescrita (duas correções), aquisição de material didático, etc. – itens precificáveis na composição dos serviços de correção de redação.

Considerações finais

Este texto teve como objetivo subsidiar a apresentação de uma pesquisa de doutorado em andamento no âmbito do *XIII Seminario Internacional de la Red Estrado*. E, com o intuito de oferecer indicativos parciais deste projeto, me propus a identificar e analisar, mediante uma abordagem exploratória de base quantitativa dados da inserção dos serviços de correção de redação no mercado de trabalho.

Assim sendo, a análise do conjunto de dados selecionados para este artigo indicam que (i) o espaço profissional da correção de redação não possui, necessariamente, o curso de Letras como único ponto de partida; (ii) há diversidade de vínculos de trabalho para além do celetista (que, no caso de professores(as), ainda é uma tendência); (iii) a multiplicação de plataformas de trabalho, além de significativa diversidade de serviços oferecidos; (iv) o crescente interesse pelos saberes da “redação de vestibular”, visível na busca por materiais *online*, ou, ainda, pelo expressivo número de profissionais autônomos presentes em sites de redes sociais.

Além disso, outros indicativos relevantes podem ser mencionados. Em análise

comparativa do conjunto de dados sobre microempreendedores individuais (Data Sebrae, 2020 e Receita Federal, 2023; intervalo dez. 2018 a jan. 2023/pandemia de coronavírus Reforma Trabalhista), o CNAE 8599-6/99, “Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente”, cresceu percentualmente em 200% no período de 2018 a 2023, e representou a quinta categoria com maior crescimento dentre as vinte principais. Por se tratar de uma entrada possível no mercado de trabalho autônomo para corretores(as) de redação, trata-se de um índice a ser considerado no conjunto de indicativos para a constituição atual deste espaço profissional.

Por fim, na continuidade desta pesquisa, venho constituindo um banco de dados que organiza e monitora 140 perfis profissionais do *Instagram* (10,8 milhões de seguidores) e 136 vídeos do *Youtube* com temática em elaboração de redação de vestibular (130,2 milhões de visualizações). Tais instrumentos potencializam análises futuras para o mercado de serviços de correção de redação, uma vez que sinalizam o crescente e significativo aumento de profissionais autônomos na área, assim como sugerem o interesse público por serviços de correção de redação (*Instagram*), considerando a natureza gratuita e generalista dos materiais produzidos para o *Youtube*. Ambas redes sociais sedimentam o status da produção de textos para o vestibular como um dos principais eixos profissionais e de serviços educacionais na atualidade, considerando os números significativos de seguidores e visualizações.

Referências bibliográficas

- Abílio, L. C. (2019). Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. *Psicoperspectivas*, 18(3), 1-11. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivasvol18-issue3-fulltext-1674> Acesso em 20 nov. 2022.
- Abílio, L. C. (2020). Plataformas digitais e uberização: globalização de um Sul administrado? *Contracampo*, Niterói, 39(1), 12-26. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38579> Acesso em 20 nov. 2022.
- Abílio, L. C. & Grohmann, R. (2021). Uberização como apropriação do modo de vida periférico. In: Grohmann, R. (Org.). *Os laboratórios do trabalho digital*. São Paulo: Boitempo, p. 85-91.
- Almeida, F. V. (2020). **Um modelo para definir e priorizar indicadores orientado às necessidades do usuário**. Dissertação (Mestrado em Informática). Universidade de Brasília, 159 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/40379> Acesso em 20 nov. 2022.
- Almeida, R. (2016). Estudo de caso: foco temático e diversidade metodológica. In: Cebrap. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo. Sesc São Paulo, p. 60-72.
- Alt, L. Matriz CSD: certezas, suposições e dúvidas. LOGOBR [site], 16 de abril de 2012. Disponível em: <https://logobr.org/design-estrategico/matriz-csd/> Acesso em 25 fev. 2023.
- Babilonia, A. Z. M. (2021). **Agenda Saúde Floripa: design de aplicativo para os centros de saúde de Florianópolis**. Projeto de Conclusão de Curso (Graduação em Design), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, 82 p. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/223811> Acesso em 25 fev. 2023.
- Bazarim, M. & Caiado R. V. R. (2021). A correção de textos escolares como prática e como objeto de pesquisa: entrevista

com Eliana Donaio Ruiz. **Revista Letras Raras**, 10(2), 155-169. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v10i2.2131> Acesso em 20 nov. 2022.

Bermúdez, A. C. (2017). A vida "secreta" de quem avalia redações: como são treinados os corretores do Enem. **UOL Educação**, Seção Vestibular, São Paulo, 28 de novembro de 2017. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2017/11/28/a-vida-secreta-de-quem-avalia-redacoes-como-sao-treinados-os-corretores-d-o-enem.htm> Acesso em 20 fev. 2023.

Colombi, A. P. F., Lemos, P. R. & Krein, J. D. (2018). Entre negociação e mobilização: as estratégias da CUT e da FS frente à reforma trabalhista no Brasil. **Revista da ABET**, 17, 179-198. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/44618> Acesso em 20 nov. 2022.

Data Sebrae (2019). Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – Sebrae. **Relatório Especial MEI 10 anos**. Brasília–DF. Disponível em: https://datasebrae.com.br/wp-content/uploads/2020/09/MEI-10-anos-p-impressaov3_compressed.pdf Acesso em 07 jan. 2023.

Fairwork (2022). **Fairwork Brasil 2021: por trabalho decente na economia de plataformas**. Porto Alegre, Brasil; Oxford, Reino Unido; Berlin, Alemanha. 2022. Disponível em: <https://fair.work/en/fw/trabalho-decente-ja/> Acesso em 15 fev. 2023.

Galvão, A. & Krein, J. D. (2019). Dilemas da representação e atuação sindical dos trabalhadores precários. In: Rodrigues, I. J. (Org.) **Trabalho e ação coletiva no Brasil: contradições, impasses, perspectivas (1978-2018)**. São Paulo: Annablume, p. 203-233.

Laval, C. (2019). **A escola não é uma empresa**: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. São Paulo: Boitempo.

Mattos, M. B. (2019). **A classe trabalhadora de Marx ao nosso tempo**. São Paulo: Boitempo.

Oliveira, D. A. (2010). **Trabalho docente**. In: Oliveira, D. A., Duarte, A. M. C. & Vieira, L. M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/429-1.pdf> Acesso em 15 fev. 2023.

Oliveira, G. F. (2022). O aluno como leitor de si mesmo: a instância enunciativa de autoavaliação na revisão do texto dissertativo-argumentativo. In: Silva, P. L. O. & Costa, A. R. (Orgs.) **Produção textual na teoria e na prática: os caminhos da avaliação da redação**. São Paulo: Pimenta Cultural, p. 42-63. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/producao-textual> Acesso em 15 fev. 2023.

PAIVA, C. P. Discurso e avaliação: análise da prática pedagógica das escolas particulares de ensino médio. Dissertação (Mestrado em Linguística, Letras e Artes) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. 160 f. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/2375>. Acesso em 15 fev. 2023.

Receita Federal. (2023). **Microempreendedores individuais [total]**. Disponível em: <http://www22.receita.fazenda.gov.br/inscricaoemi/private/pages/relatorios/opcoesRelatorio.jsf> Acesso em 09 jan. 2023.

Santos, D. (2022). Interseções possíveis entre redações de vestibular, corretores de redação e trabalho docente. **Caderno de Resumos do IV MELP** [Linguagens da vida: aprendizagens em escolas e universidades permeáveis], p. 42. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/367380612_Intersecoes_posiveis_entre_redacoes_de_vestibular_corretores_de_redacao_e_trabalho_docente Acesso em 21 abr. 2023.

Santos, D. (2023). **Precarização do trabalho docente no ramo de serviços da correção de redação**. Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização *Lato Sensu* em Economia do Trabalho e Sindicalismo (Instituto de Economia, Unicamp). Orientação de Patricia Rocha Lemos. Avaliação de Liliane Bordignon de Souza. Campinas, SP: [s.n.]. 111 p. Arquivo PDF. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/13323> Acesso em: 11 nov. 2023.

Souza, A. O., Gomes, C. R., Souza, J. L. & Cabral, M. L. (2018). Dificuldades na elaboração de um projeto publicitário por meio de uma experiência de aplicação com Design Thinking. **Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Joinville (SC). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/numosdapublicidade/trabalhos/dificuldades-na-elaboracao-deum-projeto-publicitario-por-meio-de-uma-experiencia-de-aplicacao-com-designthinking-dt/> Acesso em 25 fev. 2023.

Whitaker, D. C. A. (2010). Da “invenção” do vestibular aos cursinhos populares: um desafio para a Orientação Profissional. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, 11(2), 289-297. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-33902010000200013&script=sci_abstract&tlng=en Acesso em 25 fev. 2023.